MORAES, Carlos Wiennery da Rocha; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; ANDRADE, Karylleila dos Santos. A música de um cantor negro como sistema simbólico de representação: análise da posição-sujeito em conflitos raciais. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.29-46, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

A MÚSICA DE UM CANTOR NEGRO COMO SISTEMA SIMBÓLICO DE REPRESENTAÇÃO: ANÁLISE DA POSIÇÃO-SUJEITO EM CONFLITOS RACIAIS

A BLACK SINGER MUSIC AS A SYMBOLIC REPRESENTATION SYSTEM: POSITION-SUBJECT ANALYSIS IN RACIAL CONFLICTS

Carlos Wiennery da Rocha Moraes[1]
Luiza Helena Oliveira da Silva[2]
Karylleila dos Santos Andrade[3]

RESUMO: A inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" na LDB/96 é uma tentativa de conscientizar a população branca, através do ensino, acerca dos valores da cultura afro-descente, e do grave problema gerado em torno do negro, visto como "*excêntrico"*, "*diferente"*. Na atual conjuntura são várias as manifestações de combate ao racismo, uma delas é a canção popular. Neste trabalho, nosso objetivo é analisar através da letra da canção "A mão da limpeza" de Gilberto Gil, o modo como se presentifica a posição-sujeito diante do preconceito racial. O resultado mostrou que o posicionamento do sujeito em um símbolo de representação musical contribui muito no combate às questões raciais pela forma engenhosa que o autor estabelece na relação de alteridade, inscrevendo-se no outro, o "centro" para falar de si, o "excêntrico", sinalizando o egoísmo e as injustiças que culminaram nos desníveis sociais os quais precisam ser reparados.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Centro x Excêntrico; Justiça Social.

ABSTRACT. The thematic inclusion "History and Afro-Brazilian Culture" in LDB/96 is an attempt to raise awareness of the white population, through education, the values of Afro-descendant culture, and the serious problem around black, seen as "eccentric", "different". In the current conjuncture are several manifestations of combat racism, one of them is the popular music. In this work, our objective is to analyze through the melody "The hand of the cleaning", of Gilberto Gil, the way the subject-position is presented in terms of racial prejudice. The result showed that the subject position in a musical representation symbol contributes greatly in the fight against racial issues by the ingenious way, that the author establishes in the relation of otherness, inscribing himself in the other, the "center" to speak of himself, the "eccentric" signaling the selfishness and injustices that have culminated in the social gaps that need to be repaired.

KEYWORDS: Racism; Center X Eccentric; Social Justice.

Introdução

> Nós, educadoras e educadores, geralmente nos sentimos pouco, à vontade quando somos confrontados com as ideias de provisoriedade, precariedade, incerteza – tão recorrentes nos discursos contemporâneos. Preferimos contar com referências seguras, direções claras, metas sólidas e inequívocas (...) Mais do que nunca nos percebemos vulneráveis, sem qualquer preparo para

[1] Doutorando em Ensino de Língua e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Araguaina, da Universidade Federal de Tocantins (UFT). carloswmr@hotmail.com
[2] Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Araguaina. Coordenadora da Unidade Local do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). luiza.to@mail.uft.edu.br
[3] Professora da Universidade Federal de Tocantins (UFT) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Araguaina. karylleila@gmail.com

> enfrentar os choques e os desafios que aparecem de toda parte. (LOURO, 2010, p. 41)

O período contemporâneo é marcado pelas lutas de inclusão racial e suas resistências. Refletir acerca da inserção do negro na sociedade brasileira tem sido colocado em pauta nas políticas públicas do Brasil. Nesse sentido, foram editados atos normativos voltados para garantir o direito desses sujeitos que sofrem preconceito no cotidiano da sociedade brasileira. A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Isto é, essa alteração da lei é uma tentativa de conscientizar a população através do ensino, dos valores da cultura afrodescendente e o grave problema gerado pela sociedade brasileira em torno desses sujeitos, vistos como "*excêntricos"*, "*diferentes"*, tendo em vista, que para estes, a exploração e humilhação, advinda do período colonial, promoveu o preconceito racial promovido pelo branco, *"o centro"*.

São várias as manifestações de combate ao racismo e, diante das adversidades, os posicionamentos que o sujeito assume e com os quais se identifica constituem sua identidade. Por isso questionamos, neste trabalho: quais posições-sujeito são representadas em uma canção popular de autoria de cantor negro a qual problematiza o racismo? Assim, nosso objetivo é analisar, através da letra da canção, "A mão da limpeza", de Gilberto Gil, para compreender o modo como se presentifica as posições-sujeito diante dos conflitos etino-raciais que ela sinaliza. Para análise nos debruçamos nos estudos de Stuart Hall (2000), Woodward (2000) e as ideias de identidade e diferença. Também sinalizamos Louro (2010), Butler (2010),em razão da dicotomia "centro" x "excêntrico" e a problemática dos "corpos abjetos" respectivamente. Em meio a essa discussão sinalizamos a relevância dos estudos de Althusser (1987) para falar de ideologias dominantes que subjugam os sujeitos excluídos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que, envolve o estudo e uso de material empírico (música popular) para descrever momentos e significados problemáticos do dia-a-dia da vida das pessoas.

Como o objeto de estudo é a letra da canção "A mão da Limpeza" tomamos as cinco estrofes, separadamente, e analisamos uma a uma, a luz do dialogismo de Bakhtin, uma vez que este sinaliza que o sujeito se constitui na sua interação com o outro. Na perspectiva dos estudos culturais este outro é marcado pela diferença. Por isso nos debruçamos nos estudos de Stuart Hall (2000), Woodward (2000) e as ideias de identidade e diferença. Também sinalizamos, Louro (2010) e Butler (2010), em razão da dicotomia "centro" x "excêntrico" e a problemática dos "corpos abjetos" respectivamente. Em meio a essa discussão sinalizamos, também, a relevância dos estudos de Althusser (1987) para falar de ideologias dominantes que subjugam os sujeitos excluídos.

Fundamentação Teórica

> O centro, materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, (...), passa a ser desafiado e contestado. Portanto muito mais do que um sujeito, o que passa a ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência, arte, estética, educação que, associado a essa identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inacabável, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita. (LOURO, 2010, p.2)

A inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" na Rede de Ensino Brasileira é uma obrigatoriedade, ou seja, é uma tentativa de conscientizar, a população, através do ensino, os valores da cultura afrodescendente e o grave problema gerado pela sociedade brasileira em torno desses sujeitos, vistos como "*excêntricos"*, "*diferentes"*, tendo em vista, que para estes, a exploração e humilhação, advinda do período colonial, promoveu o preconceito racial promovido pelo branco, *"o centro"*.

Colonialismo e neocolonialismo em contraste: a triste história da comunidade negra

Em escala global, a comunidade negra sofreu discriminação e exploração em dois períodos distintos. O primeiro, foi a partir do século XVI, no Brasil colônia,

momento em que Portugal, apropriou-se do trabalho escravo para promover os ideais da coroa portuguesa. Para efetivar essa empreitada, esse país trouxe cativos da África, homens e mulheres negras, para trabalharem como escravos no Brasil.

A partir do século XIX, temos uma nova colonização, ou seja, o neocolonialismo. Dessa vez a iniciativa advém da coroa inglesa, mais precisamente, da rainha Vitória, que precisava de mercados consumidores da África e Ásia para distribuir os produtos produzidos na Inglaterra, durante a revolução industrial. Essa atitude, também, foi seguida pela Alemanha, França, Portugal. É por esse motivo que alguns países africanos falam inglês, alemão, francês e português.

A diferença entre o colonialismo e o neocolonialismo é que o primeiro marcou a exploração escrava, no Brasil; e o segundo não tratou de mão de obra escrava, mas da exploração do continente africano e asiático com vista à busca de mercados consumidores, assim como, a exploração de matérias primas para promover a revolução industrial. Mas o que esses dois períodos têm em comum é que a população negra foi vista pelo homem branco europeu como raça inferior, o que culminou com o preconceito racial até os dias de hoje. Nos dois contextos supracitados, nota-se que há uma afirmação da cultura branca e uma negação dos povos negros.

Vale ressaltar que os estudos culturais da pós-modernidade se concentram em torno do neo-colonialismo em razão das consequências da exploração dos africanos e asiáticos pelos paises europeus. Após a independência, os paises ex-colonizados estavam mais pobres e os paises colonizadores europeus, mais ricos. Como consequência, muitos dos povos negros, ex-colonizados, oprimidos pela pobreza, em seus países de origem, imigraram para os países ex-colonizadores, o que gerou novos conflitos sociais. Isso porque os ex-colonizados se sentem negligenciados nesses paises. É em razão disso que surgem atitudes de protesto, ações fundamentalistas, tais como a explosão de um homem bomba na Inglaterra durante o show da cantora americana Ariana Grande, em julho 2017.

Os estudos culturais da pós-modernidade: a crise da identidade

A partir da década de 60, diante de tantas transformações (como políticas afirmativas de sujeitos marginalizados - o negro, o índio, a mulher, o idoso etc),

aconteceu a crise da identidade, não sendo mais possível haver uma estabilidade ou aceitação de atitudes preconceituosas por parte da sociedade marginalizada. A partir de então, a identidade, vista como algo fixo, passou a ser questionada. Agora, segundo os estudos culturais, a identidade é um constante vir-a-ser. Isso devido às transformações desse novo tempo. Segundo Louro

> Este ambiente de transformações aceleradas e plurais, que hoje vivemos, parece ter se intensificado desde a década de 60, possibilitado por um conjunto de condições e levado a efeito por uma série de grupos sociais tradicionalmente submetidos e silenciados. As vozes desses sujeitos faziam-se ouvir a partir de posições desvalorizadas e ignoradas; elas ecoavam a partir das margens da cultura e, com destemor perturbavam o centro. LOURO (2010, p. 43)

Ainda segundo Louro (2010), as inquietações, a partir desse período, levaram as reivindicações de vários grupos sociais que viviam a margem, ou sejam, discriminados. A autora aponta para várias vozes marginalizadas, espalhadas em vários pontos que ecoavam, ou que protestavam contra a tirania da diferença. Percebemos nessa citação, um conflito de classes marginalizadas (mulher, índio, negro) que perturbavam o "centro". E o que é o centro? Trata-se daqueles que se sentiam valorizados socialmente. Aqueles que se consideram dominadores, os homens brancos que vivem em função de estabelecer diferenças.

Nesse contexto de marcar a diferença, vale ressaltar as ideias de Butler, (2010) quando aborda em seu artigo: *Corpos que pesam,* a problemática do corpo, pois nele a autora sinaliza a questão dos corpos marginalizados socialmente. Segundo a autora, os *corpos femininos e corpos de negros, índio, velho, gay* não pesam, o que os levam a ser classificados como diferentes. Esse não pesar é no sentido de corpos abjetos, sem importância, discriminados. É no sentido de *excêntricos*, ou seja, *fora do centro*. Por essa razão, esses corpos ficam à margem da sociedade, discriminados. Um exemplo disso, vemos nas telenovelas. É comum vermos atores brancos como protagonistas. Porém, para os atores negros restam personagens secundários. Mas há de se considerar que, em razão dos estudos culturais, isso, aos poucos, está mudando, no Brasil, que, por sinal, tem uma novela denominada "Malhação" que exalta a "diferença".

Ainda segundo Louro (2010), a década de 60 fez emergir novos sentidos que eram silenciados em razão das coerções de forças que neutralizavam as vozes dos

sujeitos ditos diferentes. Em outras palavras, a demanda dos excluídos era reprimida, mas eles questionaram, rompendo a barreira do silêncio, advinda dos opressores. Esse silenciamento nos faz refletir sobre as ideias de Orlandi (2000) ao definir que o silêncio também significa. Ou seja, no caso em questão, o não dizer, faz parte da marca da exclusão significante promovida pelo "centro". Sem dúvidas, a quebra do silêncio fez emergir as vozes dos sujeitos marginalizados, nos anos sessenta, e assim, promoveu-se a crise da identidade.

Os estudos culturais apontam que a identidade é produzida na distinção em relação aquilo que ela não é. Assim, pode-se afirmar que a ilusão de uma identidade imutável, fixa, se constitui associada a diferença. Essa percepção de diferença, não é simplesmente a percepção de aspectos diferentes, mas a construção de uma exclusão do outro em uma relação branco x negro; heterossexual x homossexual; homem x mulher.

Embasados em Woodward (2000), entendemos que a identidade do negro é marcada pela diferença. Nesse sentido, a identidade desse sujeito depende de algo fora dele, ou seja, de outra identidade (branca); de uma identidade que ela não é, que difere da identidade do negro, mas que fornece as condições para que ela exista. Nesse sentido, a identidade do negro se distingue por aquilo que ele não é. Ser um negro não é ser um branco. Isso implica dizer que o negro tem a sua cultura que o singulariza, mas essa diverge da cultura do branco. Esse nega a cultura do negro porque ela difere da sua, e, por isso, é vista, por ele, como inferior.

O sujeito discriminado do período pós-moderno se mostra mais politizado em termos de identidade, por isso, ele entra num embate político para legitimar seus direitos diante das desigualdades sociais. Isso lembra Guimarães, (2002, p. 17) ao dizer que "O político se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos".

Considerações Preliminares

Preliminarmente, é bom relembrar que os modos de narrar um texto podem acontecer na primeira ou terceira pessoa. E, engenhosamente, Gil escreveu a letra da

canção, na terceira pessoa, de modo que, esse texto é predominantemente objetivo[4]. Não obstante, queremos destacar a subjetividade do autor, que aparece de forma implícita pois, segundo Fiorin (1996), todo texto escrito parte de uma pessoa, independentemente, de esse texto, ser escrito na primeira ou na terceira pessoa. Por isso, a subjetividade de alguém fica sempre implícita em qualquer texto. Ademais, o texto de Gil trata de resistência, portanto, é um texto político porque é a posição-sujeito de resistência de um autor.

Daí a perguntamos: o que fez o autor inscrever de si, marcando-se como outro – *"o branco inventou que o "negro"*. Não temos como responder de forma exata, mas, considerando o sujeito discursivo, podemos dizer que a seleção dessas marcas linguísticas e não de outras, marcam, exatamente, a maneira como o sujeito se subjetiva, inscreve sua subjetividade no texto. No ato da escrita de si o sujeito se inscreve no outro para falar de si, e vice-versa. Nesse sentido, podemos pensar que o autor cria esse efeito, inscrevendo-se como "outro" para enfatizar-se, apontar para si, como alguém que se encontra, marcado pela diferença, e, que, ao mesmo tempo, enquanto militante das questões raciais, posicionar-se como sujeito que ama o seu povo, e por isso, combate a cultura desumana de exclusão travada pelo homem branco.

A música popular como representação simbólica de questões raciais

Os estudos culturais sinalizam a importância dos sistemas de representação que mostram o modo como as sociedades classificam os sujeitos através de sistemas simbólicos. Segundo Woodward (2000, p.16) "só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas de representação se tivermos alguma ideia sobre quais posições-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos nos posicionar em seu interior". A música popular é um sistema simbólico de representação em que cantores de uma sociedade abordam significados da cultura em várias instâncias, por isso, escolhemos a letra da canção do cantor negro Gilberto Gil, que tem cinco estrofes, que serão analisadas uma a uma. Nosso intuído é analisar as posições-sujeito que nela se presentificam. Passamos à primeira estrofe

[4] A marca linguística da subjetividade somente aparece de forma explícita, através do pronome oblíquo "Nos" na quarta estrofe - "Nos preparando a mesa".

Primeira estrofe

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê

Nessa canção, entendemos que o autor, Gilberto Gil, para combater o racismo, fala do lugar de negro[5] o que implica na sua posição discursiva que é a defensiva em relação a posição ofensiva do branco. Segundo Orlandi, (2000), em toda língua há regras de projeção que permitem-nos passar da situação empírica de sujeito físico para a posição discursiva. Para a autora, o que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio histórico e à memória. Diante disso, o nosso objetivo é analisar, por meio da canção "A mão da limpeza", do cantor Gilberto Gil, o modo como se presentificam as posições-sujeito diante dos conflitos etino-raciais que ela sinaliza. Vamos analisar como isso acontece.

Na primeira estrofe, o autor aborda um famoso adágio popular, que é muito presente no discurso, o qual marca o negro na sua exclusão. A partir daí o autor, num movimento de alteridade e identidade busca descontruir essa agressiva investida do seu opressor, provando, nas estrofes seguintes que, historicamente, o grande vilão da sujeira não é o negro e, sim, o branco.

Assim, ao enunciar *"o branco inventou que o negro, quando não suja na entrada vai sujar na saída, ê"* o autor sinaliza o agressivo adágio popular criado pelo homem branco: *"o negro quando não caga na entrada, caga na saída"*[6]. Esse enunciado já foi muito aplicado no discurso popular. Historicamente, essa ofensiva do sujeito "centro" acontece de forma direta, ou seja, no diálogo do branco com o negro, quando o primeiro agride o segundo face a face ou indiretamente, quando sujeitos brancos tecem conceitos negativos em relação ao negro, na sua ausência. Esse

[5] Conforme pontuamos anteriormente, o autor, escreveu o texto na terceira pessoa, o que implica linguisticamente que o texto é objetivo. Mesmo assim, não descartamos o caráter subjetivo do autor, uma vez que todo texto é escrito por uma pessoa. É com base nessa subjetividade implícita que apontamos a posição-sujeito do autor, constituindo-se como "outro". E é a partir desse lugar que ele fala.

[6] Vale ressaltar que o adágio popular é mais agressivo do que Gilberto Gil enuncia na letra da canção. O cantor troca o vocábulo, "caga" por "suja". Isso acontece, provavelmente, para amenizar o teor demasiadamente chulo presentificado do discurso popular.

movimento de identidade e alteridade atesta que a identidade é relacional. Isso porque a identidade do homem negro se distingue por aquilo que ela não é, mas que entretanto, fornece as condições para que ela exista. Noutras palavras, ser negro não é ser branco, e, por isso, essas diferenças implicam fortes conflitos e contradições diante da cultura que classifica o negro como inferior.

A estrofe mostra que as relações sociais objetivam estabelecer limites entre o sujeito branco e o negro, o "outro". Desse modo, podemos perceber que o negro vive na condição de alteridade, o "outro", enquanto o branco se imagina como a identidade, a norma, o correto. Fica assim, bem marcado a ideia de identidade e diferença na canção. É exatamente na luta por imposições de sentidos que ocorrem um dos processos mais sutis pelos quais o poder acontece no campo da identidade e da diferença.

Essa percepção da diferença, entre branco e negro, não pode ser vista como uma simples característica de pessoas diferentes, mas como uma forma de exclusão do outro diante das relações de poder em que o branco se imagina a identidade dominante.

Essa identidade dominante se constrói de modo que o sujeito branco se mostra como não tendo em comum com a identidade do negro, o que atesta a diferença em forma de preconceito racial. Podemos dizer que o branco nega a validade das características do outro (negro) porque essas constituem valores opostos as suas e para o branco apenas uma das identidades pode ser correta. Assim, a identidade está para o branco, enquanto a diferença está para o negro. Pelo menos é assim, que o branco se percebe conforme a letra de Gil.

A expressão "imagina só", na penúltima estrofe, é um diálogo entre o autor com o leitor, induzindo-o a refletir, as injúrias deixadas pelo branco explorador. Essa expressão reitera a afirmativa dos estudos culturais dos anos 60 que sinalizam que a comunidade marginalizada começa de forma destemida, ecoar suas vozes, protestando contra a intolerância. A canção em questão é um poderoso instrumento de representação simbólica que serve de combate a atitudes advindas das ideologias dominantes do "centro".

Em razão disso é imprescindível que abordemos algumas considerações a respeito de ideologia, uma vez que, segundo Marx, é através dela que a burguesia subjuga o proletariado. Entender o que está por trás do discurso nas narrativas exige

cautela para que se perceba como a ideologia subestima o proletariado sem deixa-lo perceber o modo como as diferenças sociais são construídas. Para Chauí

> a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador (CHAUÍ, 1993, p.30).

Ainda para essa autora a ideologia tem a função de dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção (CHAUÍ, 1993, p. 30).

Na perspectiva de Althusser (1987) o Estado tem um aparelho ideológico que promove a dominação pela ideologia - escolas, igreja. Para esse autor, o estado também, tem um aparelho repressor que funcionam pela violência – prisão, polícia. Os aparelhos ideológicos e repressivos do Estado promovem a dominação. Ainda para esse autor a ideologia se materializa na maneira como se organizam os aparelhos repressivos e ideológicos:

> [...] a forma imaginária como os homens vivem sua relação com as condições reais de existência, caracterizada como mitificação. Neste sentido, a ideologia apresenta uma existência material e tem como finalidade a manutenção do Poder, o que só é possível através da perpetuação da ideologia que o sustenta. Essa perpetuação é garantida, por sua vez, por um contínuo processo de transformação de indivíduos em sujeitos ideológicos, quando estes são assimilados pelo sistema, passando a disseminar a ideologia dominante (ALTHUSSER, 1987 apud MAGALHÃES et al., 2007, p. 20).

Como vimos, a ideologia é uma força material que interpela o indivíduo em sujeito. Ou seja, os sujeitos são constituídos em conformidade com os aparelhos ideológicos e repressivos do Estado. Althusser sinaliza que, no caso de estudantes de uma escola, o Estado vai ditando regras de costumes e condutas. Os estudantes vão materializando as ideologias nos seus modos de se comportar e vestir, ou seja, eles passam a ser sujeitados às ideologias dominantes, nas escolas que eles estudam. Para Althusser, o perigo disso é que essas ideologias servem como objeto de manipulação para que os estudantes se tornem futuros dominados pelo sistema capitalista.

Foi nessa perspectiva de ideologia dominante que a coroa portuguesa, no período colonial, ditava regras de conduta que eram materializadas pela violência, por meio dos feitores dos fazendeiros. Esses jagunços através da força, determinavam o trabalho escravo através da violência. Uns no canavial. Outros nas cozinhas. Assim, a força de trabalho tinha papéis bem marcados. A ideologia dominante era materializada nos negros, conforme a tarefa que eles deveriam exercer para enriquecer a propriedade e alimentar o ego do homem branco. Ou seja, para coroa portuguesa, o negro tinha valor apenas como instrumento de produção, mas eram corpos abjetos[7], sem valor, em termos sociais.

Seguindo os pensamentos de Althusser (1987) e de Mussalim (2001) ressaltam, a passagem da ideologia como mera ideia - visão anterior ao marxismo - para uma visão que a concebe no seu caráter de existência material. A autora afirma que ao propor investigar o que determina as condições de reprodução social, Althusser parte do pressuposto de que as ideologias têm existência material e não devem ser estudadas apenas como ideias, mas consideradas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção, trata-se do materialismo histórico (MORAES, 2013).

Abordamos a questão dos aparelhos ideológicos e repressivos do estado para sinalizar que a canção de Gil atesta que o negro continua sendo subjugado pela ideologia dominante do homem branco, não somente na letra, mas por extensão, em várias escalas sociais. Essa afirmativa é coerente se pensarmos que os indicadores sociais testificam que até hoje há uma grande discrepância de inclusão social entre brancos e negros nas instituições do estado. É evidente que, hoje em dia, a "lei é para todos", mas as marcas do homem branco, ao longo da história, desnivelaram as oportunidades entre brancos e negros. Passamos a analisar a segunda estrofe

Segunda estrofe

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê

[7] Judith Butler problematiza a questão dos corpos abjetos.

Imagina só
O que o negro pensava, ê

A segunda estrofe funciona como um argumento que o autor desenvolve para refutar o adágio popular supracitado, na primeira estrofe. Ou seja, nessa estrofe o autor esclarece que o negro não sujava. Quem sujava era o branco. O negro era quem limpava toda sujeira que o branco fazia. Essa estrofe mostra perfeitamente a contradição ideológica sinalizada pela teoria marxista. Isso nos faz entender que o mascaramento da realidade, tal como pregava Marx, é entendido pela inversão da realidade. A canção de Gil atesta essa inversão, uma vez que o negro é quem limpava o que o branco sujava e não o inverso. E o pior, é que na atual conjuntura o branco continua pregando essa realidade invertida. Nesse sentido, essa representação musical é uma forma de combate para desmarcar o branco e, assim, trazer à tona um outro ponto de vista da realidade, com o objetivo de fazer uma defensiva dos excluídos.

Segundo Aranha (1993), as teorias de Marx enriqueceram o debate em torno da ideologia e de sua aplicação. Para ele, diante da tentativa humana de explicar a realidade e dar regras de ação, é preciso considerar também as formas de conhecimento ilusório que levam ao mascaramento dos conflitos sociais. Na perspectiva marxista, a ideologia adquire um sentido negativo como instrumento de dominação. Se pensarmos em questões raciais, percebemos que o processo de escravidão, efetuado pelo sujeito dominador, o branco português, foi materializado na cor do negro, na atual conjuntura, e essa cor passa ser símbolo negativo materializado nos corpos desses sujeitos. É por causa do processo histórico de escravidão que os corpos dos negros não pesam, ou seja, não são valorizados socialmente, como diz Judith Butler (2010).

Passamos a seguinte estrofe. Enquanto a estrofe anterior sinalizou para o período da escravidão, a terceira estrofe, aponta para um período posterior, a da abolição

Terceira estrofe

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza

Na terceira estrofe, o autor aplica três metáforas para falar do conflito existencial do negro. Esse conflito se traduz em conforto para sustentar a vida do branco. A ideia dessas metáforas é mostrar as condições do negro, nos primeiros anos após a abolição, período que ele deixou de ser escravo e recebeu o direito de trabalhar assalariado, porém, o negro continuava trabalhando em serviços de limpeza, ou seja, trabalhos mal remunerados. Historicamente, sabe-se que após a escravidão, muitos negros, voltaram a trabalhar, gratuitamente, para seus antigos senhores de escravo, por não se sentirem preparados para arrumar trabalhos mais complexos, o que implica dizer que a ideologia dominante que os subjugava, como inferiores, no período escravocrata, continuou vigorando.

Isso, infelizmente, foi uma oportunidade para o branco opressor criar formas de fixar a identidade do negro na sua condição enquanto, o outro. Fixar a identidade significa normatizar um modo de ser e não outro. O outro estabelecido em cada grupo cultural é tido como a diferença. A identidade só pode ser compreendida em sua conexão imediata com a produção da diferença.

A canção de Gil sinaliza que a história da escravidão deixou marcas de diferença porque após a abolição o negro ficou livre, mas despreparado para enfrentar trabalhos mais dignos e, por isso, ele continuou "limpando o que branco sujava". Eis aí a marca da diferença.

Quarta estrofe

Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza

A primeira linha da quarta estrofe traz a metáfora que sinaliza que a vida do negro ficou restrita ao pé do fogão. A segunda linha traz outra metáfora *"Negra é a mão"* que serve apenas para tarefas vistas como mais simples, ou seja, para preparar *"a mesa"* e ficar *"limpando as manchas do mundo com água e sabão"*. Essas metáforas sinalizam que o trabalho advindo do negro não beneficia a eles mesmos, mas ao contrário, serve para beneficiar o branco que é o grande favorecido.

A última linha faz o fecho dessa sequência, pois com a metáfora *"Negra é a mão de imaculada nobreza"* o autor sinaliza mais uma exploração do branco em relação ao negro, pois se a nobreza é imaculada, ou seja, não é suja, é porque ela desfruta do trabalho escravo. Vale ressalvar que, aqui, o autor faz uma crítica feroz ao homem branco, pois caracterizá-lo como "nobreza", também, significa chamá-los de preguiçosos – historicamente sabemos que a burguesia, na revolução francesa, tomou o poder da nobreza porque essa detinha o poder, mas viviam no luxo sem trabalhar, cobrando altos impostos, explorando a burguesia. Essa se revoltou, e deu o golpe. Vamos analisar a última estrofe

Quinta e última estrofe

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
Eta branco sujão

Ao enunciar na primeira linha da quinta estrofe, *"na verdade o negro passava a vida limpando o que o branco sujava"* seguindo da expressão *"o que o branco sujava*" a qual é repetida, significa que mais uma vez o autor reitera a subversão da verdade presentificada no adágio popular da primeira estrofe, o que implica dizer que o processo de significação é decorrente de lutas por vontade de verdade e tentam fixar o significado das coisas que estão em jogo. Por serem produzidas em um processo discursivo e simbólico, a identidade e a diferença estão sujeitas a relação de poder expressa em ações que oprimem certa parcela de indivíduos e grupos, cujos efeitos acabam por desvalorizar ou silenciar suas vozes, suas histórias, seus anseios.

O enunciado *"imagina só",* na penúltima linha, sinaliza a interação que o autor faz com o leitor. Esse diálogo interpela o leitor para que ele medite em toda essa injustiça que o branco fez com o negro. Podemos pensar também que se trata de uma forma do autor buscar solidariedade junto à população brasileira no sentido de ter consciência negra, uma vez que esta canção é um importante **sistema de representação** que é veiculado nos meios de comunicação brasileiros.

Por fim, o enunciado *"Eta, branco sujão",* inverte totalmente o adágio popular *"O negro quando não suja na entrada, vai sujar na saída"*, pois o autor prova na materialidade histórica que o braço é quem sempre foi o sujão. Aqui podemos meditar no que dissemos acima, a ideologia na concepção de Marx é tão insidiosa que inverte os fatos, no caso em questão, coloca-se o mocinho como bandido e o bandido como mocinho. Assim, a canção de Gil, sintetiza o branco como sujão, de uma forma engenhosa, calcada na memória discursiva – o tempo da escravidão.

Conclusão

Os estudos culturais se preocupam com a questão da identidade e diferença, em relação aos povos africanos e asiáticos explorados, no período neocolonialista, mas é evidente que esses estudos, também, abarcam a causa do negro afro-brasileiro, afetados pelo colonialismo, uma vez que esses dois períodos, tem em comum, o fato de terem deixado marcas de exclusão para comunidade negra de origem africana.

A problemática da exclusão e da consciência negra é um lugar de conflitos que começou com a política expansionista advinda da coroa portuguesa, um tipo de aparelho ideológico de dominação, que, no Brasil colônia, usou o negro como escravo. Essa política expansionista deixou marcas de exclusão para a comunidade afro-brasileira, carecendo, na atual conjuntura, de políticas públicas de inclusão. Por isso, as vozes dos excluídos emergem em muitas manifestações populares abrindo caminho para posições-sujeito em distintos símbolos de representação: música popular, publicidade, desenhos, novelas...

A canção de Gilberto Gil é um lugar de consciência negra e de resistência ao racismo. É um sistema simbólico de representação que tem o poder de suscitar identidades militantes para combater o racismo. Isso porque esses sistemas, conforme os estudos culturais, constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Essas posições-sujeito se presentificam de várias formas, e por isso, fazem emergir sentido de resistência:

Em termos de autoria, Gil, usa como recurso de linguagem, a terceira pessoa, e, dessa forma, ele aparece na superfície do texto pelas marcas linguísticas do "outro", *in verbis*: *"o branco inventou que* ***o negro****"* aquele que sofre exclusão, aquele que é

marcado na sua diferença. Essa é uma das características da posição-sujeito do autor para falar do racismo brasileiro. Trata-se de uma forma engenhosa, que um autor pode usar, para se incluir, como militante das causas raciais e, não, apenas, para sinalizar que existem movimentos de exclusão lutando contra o racismo.

Com base na letra de Gil, podemos dizer que o fato de um autor, escrever de si, como o "outro", pode dar-lhe mais de uma alternativa linguística para descrever a sua posição-sujeito, diante do processo de marginalização que o negro sofre. Uma delas é se inscrever em si, ou seja, nele mesmo, enquanto negro, para sinalizar os desníveis discrepantes que sinalizam as condições sociais em termo de qualidade de vida que ele sofre. Ele também pode se inscrever no "outro", o branco, para falar das injurias e difamação que esse provoca no negro. A outra alternativa é da ordem da memória, pois o autor pode se inscrever na história, usando-a como argumento, em sua defesa, provando através de sua materialidade que as injustiças sociais provocaram desníveis sociais que recaem, no negro, e por isso, precisam ser reparadas.

Assim, a posição-sujeito presentificada em um símbolo de representação como a música popular pode esclarecer que o objetivo das relações sociais é estabelecer limites entre uma classe social em relação a outra. Desse modo, pode-se compreender que para os sujeitos do "centro" a identidade é a norma, o correto. A diferença, o outro, é aquela marcada na sua negação. É exatamente na luta por imposições de sentidos que ocorrem um dos processos mais sutis pelos quais o poder acontece no campo da identidade e da diferença. A partir disso podemos afirmar que a discussão sobre a identidade e a diferença concentra aspectos de reivindicação sociais e políticas de certos grupos, os quais apontam quem pode acessar certos benefícios culturais e quem não pode.

Por tudo que vimos podemos dizer que afirmar a identidade e marcar a diferença tem a ver com questões de poder. A posição-sujeito depende desse poder. Em situações de dominação, define que quem detém o poder estigmatiza uma identidade negativa para o outro. Assim percebemos que a identidade está em questão nas lutas sociais, pois o poder de definir os significados das coisas depende do lugar que se ocupa no sistema de relações que vive os diversos grupos. Uma relação de poder determina quem está dentro e quem está fora. Quem é válido e quem não serve. As marcas que definem uma identidade da outra aparecem geralmente sob a forma de oposição binária, tal como,

branco x negro. E como vimos, essa dualidade é estabelecida culturalmente, e por isso, mostra quem pesa mais e quem pesa menos.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando:* introdução à filosofia. ARANHA, Maria Lúcia de Almeida & MARTINS, Maria Helena Pires (org). 2ª edição. São Paulo: Moderna, 1993.

ALTHUSSER. Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

BRASIL, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art26a. Acesso: 30 de setembro 2013.

BRASIL, Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"*, e dá outras providência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.> Acesso: 30 de setembro 2013.

BUTLER, Judith: Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In Louro, Guacira Lopes (organizadora). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: A vontade de saber. Tradução de Maria Theresa Albuguerque e J. A. Guilhom Albuquerque. 13 ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, Gilberto. A Mão da Limpeza. In: *Alguma Raça Humana*. Gravadora Warner Music Brasil, 1984.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4a. edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Gilberto. *A Mão da Limpeza*. Disponível em: http://letras.mus.br/gilberto-gil/574045/ Acesso em: 10/11/2012.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do Sentido.* Campinas: Pontes Editores, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes et al. *Curriculum, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Carlos Wiennery da Rocha. *Histórias de vida e formação:* análise de relatos de professores licenciados em matemática pela EaD/ Unitins. 2013. 196 f. (Dissertação Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2013.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra et al. Do herói ficcional ao herói político. *Ciências & Cognição*. Vol 12: 18-30, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 2a. edição. Campinas: Pontes, 2000.

WOODWARD, Katyrin. *Identidade e diferença:* Uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (Org). Petrópolis: Vozes, 2000.

WRONSKI, Andréa Volpato; BRAGA, Sandro. *Eu-Outro: o processo de enunciação presente nas auto-apresentações de sites de relacionamento*. In: *Anais dos trabalhos completos da V Jornada Nacional e I Internacional de Análise do Discurso na Ciência da Informação: "Discurso e Leitores de Imagens".* UFSCAR, 2012. Disponível em: http://www.jornadaadci.ufscar.br/pdfs/ebook/11.pdf.> Acesso em 04 de junho de 2012.

YIN, R K. *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido em agosto de 2018

Aceito em outubro de 2018